

MARINA COLASANTI E POR FALAR EM AMOR



TUSQUETS
EDITORES

RECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

MARINA
COLASANTI
E POR FALAR
EM AMOR

Copyright © Marina Colasanti, 1984
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025
Todos os direitos reservados.

Preparação: Bonie Santos
Revisão: Maitê Zickuhr
Projeto gráfico: Jussara Fino
Diagramação: Nine Editorial
Capa: adaptada do projeto gráfico original de Companhia
Ilustração de capa: Santiago Régis

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Colasanti, Marina	
E por falar em amor / Marina Colasanti. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2025.	
208 p.	
ISBN 978-85-422-3660-6	
1. Amor 2. Literatura brasileira I. Título	
25-1783	CDD 152.41

Índice para catálogo sistemático:
1. Amor



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2025
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORIA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar
Consolação – 01415-002 – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

**Acreditamos
nos livros**

Este livro foi composto em Utopia Std
e impresso pela Geográfica para a
Editora Planeta do Brasil em julho de 2025.

Sumário

ANTES DE COMEÇAR	9
MAS AFINAL, O QUE É ISSO?	11
AMOR SEM A MAIÚSCULO	20
NO COMEÇO, A ATRAÇÃO	25
POR QUE ESTE E NÃO AQUELE?	32
A CORTE NÃO MORREU, MUDOU	42
QUERO TANTO TE CONHECER	49
DA BOCA PRA FORA	58
OS ESPAÇOS EM QUE ELE VIVE	65
NO CORPO DO DESEJO	70
A ALTA DA PAIXÃO	80
AO DEUS DIÁLOGO	85
QUANDO O AMOR É PURA FANTASIA	94
O SOFRIMENTO É INEVITÁVEL	101
CORRENDO EM VOLTA DA CAMA	110
PERIGOSO, MAS TÃO ATRAENTE	118
O CIÚME DE TODOS NÓS	127
NO DESCOMPASSO DA INFIDELIDADE	140
AMOR E ADMIRAÇÃO	150
AOS CINCO ANOS, BODAS DE TÉDIO	153
ENTRE FICAR E IR EMBORA	162
CADA UM VAI COMO PODE	171
ONDE ANDA O AMOR NAS RELAÇÕES SEM AMOR?	180
NOS ROMANCES DE AMOR, A SATISFAÇÃO GARANTIDA	189
QUE AMOR É ESSE QUE AÍ VEM?	200

Mas afinal, o que é isso?

“É quando as pernas tremem, e a gente sente uma comichão, umas espetadelas nas costas.” Assim a aia de Lady Marian explica a sua pupila o que é amor, quando esta suspeita estar apaixonada. A definição, do filme *Robin Hood*, com Olivia de Havilland e Errol Flynn, não é exatamente científica, e é pouco elucidativa, mas não fica muito aquém de tantas outras que atravessam o tempo.

Para Stendhal, era “a maior felicidade do mundo”. Carlos Drummond diz que “amor é bicho instruído”, Liv Ullmann explica que é como “se as nuvens do horizonte estivessem sob os meus pés”, e Camões tentou acertar com vários tiros “amor é um fogo que arde sem se ver/ é ferida que dói e não se sente/ é um contentamento descontente/ é dor que desatina sem doer...”

Parece-me mais prudente, portanto, deixar de lado as definições e seguir outros caminhos, na tentativa de entender melhor o que é amor.

Basicamente, podemos dizer que se trata de um sentimento de bem-querer intenso, com intenção sexual, voltado para outra pessoa. E uma das nossas tendências imediatas costuma ser colocá-lo, numa escala de intensidade, entre o afeto e a paixão. Teríamos então um mesmo sentimento, que, brando para o afeto, iria aumentando até chegar às ardências do amor e alcançar seu pique mais explosivo na paixão. Algo como um só botão e três termostatos.

De minha parte, não vejo a coisa assim. Acho que se trata de três sentimentos diferentes – embora tão semelhantes – que desempenham

diferentes papéis e determinam diferentes formas de atuação, com resultados diferentíssimos. Esquemáticamente seria algo assim:

Afeto. Sinto o afeto como um sentimento amoroso mais espreado. Tão espreado, às vezes, que nem tem rosto; ao escrever um livro, por exemplo, coloco nele meu afeto para que busque para mim o afeto dos leitores. Isso não é abstrato, o afeto virá sob a forma de cartas, contatos, encontros. Mas não tem um alvo determinado. O afeto, então, é colocado em múltiplos objetos. E habitualmente não inclui o desejo.

Cabe a ele nos alimentar afetivamente de forma constante e atuar como estabilizador, pois continua agindo durante o amor e nos ampara nas entressafras deste.

Amor. Ao contrário do afeto, o amor exige um rosto, e bem definido, já que sua característica principal é concentrar-se num único objeto. Ao fazê-lo, torna esse objeto insubstituível e nos coloca na sua dependência. Sem dúvida, o amor contém o desejo; mas o desejo pode não ser o elemento preponderante. Há, no amor, a intenção de perenidade. Eu diria que o amor *pensa*, que é reflexivo. E que enxerga, ou quer enxergar, o outro, em sua realidade individual.

A finalidade do amor seria, do ponto de vista social, nos levar ao acasalamento, à reprodução e à criação dos filhos.

Paixão. Pode anteceder o amor, o que, aliás, frequentemente acontece. Nesse caso, trata-se do processo de enamoramento. Mas pode também não anteceder nada além do seu próprio esvaziamento. O que nos deixa angustiados, na paixão, é justamente não sabermos se ela nos dará direito a um amanhã amoroso ou não. A paixão não escolhe o seu objeto, e na realidade não o vê; atraída, despenca sobre o objeto, inventando para ele uma série de qualidades – que ele muitas vezes não tem – e ignorando por completo os eventuais defeitos. Tomados de paixão, vemos o outro como simplesmente perfeito, e não aceitamos outras visões. O desejo é irrefreável. Não há intenção de perenidade. Aliás, não há intenção de coisa alguma a não ser a proximidade e a posse do objeto de paixão. Podemos dizer que, enquanto o amor é *reflexão*, a paixão é *ação*. Ela está em movimento, descrevendo um ciclo que é dela e sobre o qual não temos controle. A paixão avança rapidamente. Não à toa ela é definida como um raio, e dizemo-nos “fulminados de paixão”. Sua função é justamente a de galvanizar, eletrizar os indivíduos com uma

força que nenhum outro sentimento tem, a fim de que, empurrados um contra o outro, sejam praticamente obrigados ao encontro, criando a possibilidade de um amor.

O que seria do amor se não fosse o petróleo?

Estamos falando de amor, mas é preciso especificar. Não existe um único amor ao qual todos obedecem, mas sim diferentes formas de amor, variando não só de acordo com as diferentes culturas, mas também através da história. A história da humanidade é a história do seu amor. Ao contrário do que gostaríamos, o amor não é rei; obedece às necessidades sociais e se modifica de acordo com as exigências econômicas, geográficas, ou impostas pelas guerras.

Agora mesmo, depois de um longo período de descaso, o amor apaixonado parece estar de volta com toda a sua força. E o que foi que o trouxe? Segundo alguns, a alta dos preços do petróleo. Se livros sobre o amor e a paixão invadem as livrarias, se conferências sobre os mesmos temas pipocam nas noites, se o sexo volta a ser vinculado ao amor, e se um grande suspiro desejoso parece exalar de todos os peitos, agradeçamos à OPEP.

Antes da crise do petróleo o mundo, ou pelo menos a parte abastada do mundo, a que exporta e impõe sua cultura, nadava em dinheiro. Era o tempo das vacas gordíssimas. E sobrando dinheiro, parecia mais fácil ser feliz. Tão fácil que se tornou praticamente obrigatório. Com dois carros na garagem, uma piscina de água quente no quintal, a cozinha abarrotada de eletrodomésticos, incontáveis opções de lazer, e conta bancária garantindo o futuro, parecia uma injúria ficar chorando pelos cantos. O trabalho já não era tão importante. Importante era satisfazer os próprios desejos.

E o desejo individual, colocado como meta, transformou em impedimentos opressivos as relações com terceiros, os vínculos de amor, os enquadramentos sociais. Felizes e sozinhos, cuidando cada um de si, satisfazendo todos os seus desejos e livres de ônus amoroso, assim foram os representantes da *geração do eu*. Uma pesquisa realizada no final dos anos 70, nos Estados Unidos, pela famosa firma Yankelovich, Skelly

& White, mostrou que 72% dos americanos passavam a maior parte do seu tempo pensando em si mesmos e nas suas necessidades interiores.

Paralelamente, os anticoncepcionais e os movimentos de liberação da mulher abriam um período de experimentação sexual, legitimando o não compromisso.

Tudo era válido, e era obrigatório transformar as fantasias em realidade. Tudo, menos o amor consequente, pois, como escrevia Joseph Epstein em seu livro *Divorced in America*,* “as amarras e as obrigações do casamento impedem o pleno desenvolvimento do eu”.

Então os árabes aumentaram o preço do petróleo, as vacas emagreceram, e já não era tão fácil ter piscina no fundo do quintal. A crise acabava com o mito da felicidade individual e restabelecia a necessidade do grupo como defesa, a procura do outro. Em 1981, a revista *Time* publicou um artigo com declarações de Yankelovich, que previa o surgimento de uma nova “ética do compromisso” sintetizada na “busca da comunidade”. A revista ironizava, dizendo haver poucos sinais de tal modificação. Mas hoje o sociólogo William Simon afirma: “A abundância dos anos 50, 60 e 70 nos deu a coragem de tentar novas experiências. Com o atual estado da economia, a hora é de prudência. Centralizando tudo na segurança econômica e social, investimos mais na carreira e no casal. Nós nos perguntamos: ‘Como devo administrar minha energia, financeira e sentimentalmente?’ E então a carreira parece mais importante do que o sexo”.

Sim, o amor está de volta. Mas com ele volta também a necessidade de o entender melhor, para que não nos traga mais dissabores que prazeres.

Uma revolução que faz tremer as pernas

Dois livros podem nos ajudar a entender melhor. Um porque organiza o óbvio e lhe dá pompas científicas. E o outro porque abre um caminho novo. São *Love and limerence, the experience of being in love*,** da psicóloga americana Dorothy Tennov, publicado em 1980, e

* *Divorciados na América.*

** *Amor e limerence, a experiência de estar apaixonado.*

Innamoramento e amore,* de Francesco Alberoni, cientista social italiano, publicado em 1979.

Tennov entrevistou 700 pessoas. A partir de seus depoimentos, chegou à conclusão de que não se sabe como o amor começa, só se sabe que começou, e que é uma sensação diferente de todas as outras. Essa sensação ficou estabelecida através de doze sintomas:

1. Pensar obsessivamente no objeto amado.
2. Absoluta necessidade de reciprocidade.
3. Profunda dependência das atitudes do amado, na qual se procura constantemente uma resposta ao próprio amor.
4. Incapacidade de amar outra pessoa.
5. O único alívio é imaginar que o outro também nos ama.
6. Medo da rejeição e timidez paralisante frente ao amado.
7. Os obstáculos parecem intensificar o sentimento.
8. Necessidade de crer que, atrás da aparente indiferença do amado, se escondem sentimentos apaixonados.
9. Dor na região do coração, nos momentos de incerteza.
10. Sensação de flutuação toda vez que há sinais de reciprocidade.
11. Intensificação do sentimento, que relega tudo o mais a segundo plano.
12. Magnificação de todas as possíveis qualidades do amado e recusa a ver qualquer defeito.

Como se percebe, não há grandes novidades nos doze sintomas de Tennov. Eles, aliás, já haviam sido detectados há nove séculos por Andreas Capellanus, autor de *Traité de l'amour courtois*,** no qual incluiu mais dois: dificuldade de digestão e insônia, “que frequentemente causam uma alteração no cérebro, capaz de levar à loucura”.

O livro de Alberoni abre um novo caminho. Especialista em movimentos coletivos, ele encara o enamoramento como um movimento coletivo a dois, uma autêntica revolução com todas as características das revoluções sociais, que leva os apaixonados a romper com os seus

* *Enamoramento e amor*.

** *Tratado do amor cortês*.

laços, a abandonar suas famílias, a enfrentar todos os obstáculos, para fundar uma outra unidade. Depois de realizada a revolução, os amantes enfrentam as sucessivas etapas que levarão, ou não, à constituição de um novo país amoroso. E seu sentimento entra em fase de estabilidade.

O amor não é o mesmo para homens e mulheres

Às vezes, muitas vezes até, entender o amor não nos parece tão difícil. Afinal, quase todos passamos por ele e sabemos bem onde dói e onde agrada, onde fabrica nuvens e onde abre precipícios. O que nos parece difícil de entender é por que, se todos o queremos, se é o mais sublime dos sentimentos, se é a essência da vida, se existe para juntar homens e mulheres, se é tudo isso, por que é tão complicado de manejar.

Sim, é complicado. Os homens se queixam, as mulheres se queixam. Voracidade, dizem eles. Incompreensão, dizem elas. E para acertar em um amor somos obrigados a quebrar a cara em vários deles. Por quê?

Porque nossa sociedade é basicamente incoerente. Embora querendo que vivamos juntos o amor, e da forma mais simétrica possível, *ela o ensina de forma diferente para homens e mulheres*. Não totalmente, porém. O glacê, aquela camada doce e enfeitada feita para atrair olhares e desejos, é igual. A ambos é dito que o amor é essencial, a ambos é ensinado que só amando justificamos nossa existência. Somos igualmente treinados para tocaiá o amor atrás de todas as esquinas, convencidos desde pequenos de que ele é dulcíssimo e nos fará um bem enorme. A própria sociedade nos olha enviesada se não amamos, pois é implícito que estamos cometendo grave falta, o amor de dois sendo o patrimônio de todos.

Isso por cima. Mas na hora de partir o bolo, a coisa é muitíssimo outra.

À mulher o amor é ensinado, desde o primeiro entendimento, como sendo o *coroamento da vida*. Ela cresce em preparação constante para o momento em que um amor – leia-se um homem apaixonado – entrará em sua vida. Para isso adquire uma série de conhecimentos específicos, destinados não só a abrigar aconchegadamente esse amor – como seu útero abriga o óvulo fecundado – mas a mantê-lo e renová-lo. As

revistas femininas esmeram-se em transmitir truques capazes de reavivar o amor, reacender o desejo, enfim ancorar o homem através da boca, do estômago, do baixo-ventre. Mas nenhum truque semelhante frequenta as revistas masculinas.

Para os homens o amor é ensinado como sendo a *capitulação*, a entrega de quem, embora tendo resistido muito, acaba perdendo as forças e caindo na armadilha. Dos homens apaixonados diz-se que foram “pegos”, “fisgados”, “amarrados”, que estão “perdidos”, e “agora não tem mais jeito”.

Para percebermos ainda mais claramente essa diferença, basta lembrar as festas com que se comemora o fim da vida de solteiro. As moças fazem um chá de panela em que as amigas, geralmente na casa de uma delas, trazem de presente para a noiva vassouras, panos de pó, panelas. Ou seja, uma festa voltada para o futuro, já projetada para o lar que se arma, e em que os presentes são símbolos do doméstico, do “dali para a frente”. Comemora-se, pois, uma coisa auspiciosa. No caso dos rapazes a cerimônia de adeus costumava ser nos bordéis. Hoje em dia acontece em bares, ou em casa de um dos amigos. Mas é sempre uma festa de bebedeira, que beira a violência, em que o noivo deve se embriagar ao máximo para aproveitar os “últimos momentos de liberdade”, o ocaso da inconsequência. É uma festa voltada para o passado, e como tal repete o modelo de tantas outras de que o noivo já participou. É muito mais uma festa de *despedida* do que uma comemoração de *entrada* em novo status social.

Conheço até um caso bem elucidativo. Durante a festa, os amigos embriagaram o noivo até a inconsciência, e em seguida, vendo-o bem apagado, lhe engessaram a perna. Ao acordar lhe comunicaram que, num rompanete etílico, tinha querido dançar frevo e caído de mau jeito. Durante os dias que se seguiram, os amigos riram muito pensando no pobre noivo, de perna engessada, em plena lua de mel. Aparentemente era apenas uma brincadeira, ainda que de mau gosto. Mas se olharmos o lado simbólico, fica claro perceber que eles tornaram concreto aquilo que inconscientemente sentiam: o amigo subitamente aleijado, castrado, tendo perdido sua mobilidade/liberdade.

Mas não param aí as diferenças de ensinamento. O amor é transmitido às mulheres como sendo, senão o avalista total, pelo menos o

principal motivador para o sexo. Mesmo em plena revolução sexual, e relacionando-se eventualmente com homens passageiros, o que as mulheres querem mesmo é ter sexo com um homem amado: isso não por romantismo genético, mas como resultado de um longo aprendizado.

É exatamente o contrário do que acontece com os homens. Para eles, fica bem claro desde o início que o amor é uma ameaça à sua sexualidade. Ao amar e concentrar seu afeto numa só mulher, perdem todas as outras. E não só isso, mas a mulher investida de amor pode ser vivida de forma muito ameaçadora. Um bom exemplo desse fenômeno nos foi dado pelo filme *O belo Antônio*, em que o personagem interpretado por Marcello Mastroianni se tornava impotente ao casar, mas só com a própria esposa; com as outras, a quem ele não amava, continuava em perfeito funcionamento viril.

E isso nos leva ao terceiro ponto de diferença, onde tantos amores se despedaçam: a monogamia.

Sem entrarmos no mérito nem nas causas da questão, o fato é que às mulheres a monogamia é ensinada como uma virtude fundamental, mas também a prova da veracidade do amor. Crescemos achando que assim como seremos fiéis ao homem amado, ele também nos será fiel, e que o amor verdadeiro apaga todos os amores passados e impede os futuros. Assim, no momento em que é traída, o primeiro pensamento que ocorre a uma mulher é: “ele não me ama”.

O ensinamento masculino é bem diferente. Desde cedo são treinados para desvincular sexo de amor. Eu mesma já ouvi um homem dizer à guisa de explicação para a mulher que ele havia traído: “mas isso não tinha nada a ver com você!”, querendo com isso dizer que o fato de dormir com uma não significava em absoluto não amar a outra. Para ele eram duas atividades absolutamente independentes. Embora por razões sociais um homem exija a fidelidade por parte da mulher, estas mesmas razões sociais fazem com que assumir a monogamia lhe pareça uma diminuição da sua virilidade. Que nos sirvam de testemunho as palavras do poeta romano Ovídio, escritas há dois mil anos no seu livro *A arte de amar*: “Não que a minha censura te condene a ter uma só amante: que os deuses nos preservem de tal coisa! Só a mulher casada pode ter semelhante obrigação”.

O amor de um casal envolve no mínimo quatro pessoas

Bastariam essas diferenças para tornar o amor um barco difícil de levar ao porto. Mas no início do século um cavalheiro chamado Sigmund Freud nos mostrou que havia mais carne debaixo do angu. Graças a ele e às teorias que a partir dele se desenvolveram, sabemos hoje que o amor não é apenas a relação entre duas pessoas, mas a relação dessas duas pessoas acrescida de todas as fantasias de cada um, e em grande parte ditada pelo passado recíproco.

A psicanálise nos ensinou que o amor não é feito apenas de si mesmo. Ao escolher uma pessoa como objeto amoroso, não estamos escolhendo só ela, mas todo o eco que ela contém do nosso passado afetivo. Um homem escolhe uma mulher porque ela é muito parecida com sua própria mãe, e pode vir a desamá-la porque se tornou parecida demais. Uma mulher escolhe um homem porque ele é o oposto do seu pai, e pode vir a desamá-lo se descobrir que não o é tanto. E assim por diante, em variantes infinitas, que amarram seus cordões na primeira infância, nos amores primeiros: mãe, pai, família.

Enfim, fomos obrigados a constatar que aquela que considerávamos a mais pessoal das relações, o amor entre um homem e uma mulher, não era tão pessoal assim. E que, por conseguinte, o sucesso do amor não dependia tão exclusivamente de nós. Isso, sem dúvida, nos tira uma boa parte da responsabilidade. Mas abre um novo mundo de incertezas, já que podemos dar rumo ao futuro, mas o passado está fora do nosso alcance.

Certamente, o amor não é fácil. E durante um certo tempo até pensamos poder viver razoavelmente sem ele. Percebemos, porém, que, ao cortar a árvore para evitar o incômodo das folhas que caem, perdemos a sombra e os frutos, perdemos o doce farfalhar. E então estamos começando a plantar.

Não, o amor nunca foi mais fácil do que hoje. Nunca foi linear. A não ser quando não era amor. Hoje talvez tenhamos mais conhecimentos, mais abertura para aceitá-lo como é, em vez de exigir dele o que não pode nos dar.

Amor sem *a* maiúsculo

Ninguém tem dúvidas quanto ao que seja amor. Pergunte à mais rutilante estrela do jet set, ou a uma modesta costureirinha, e nenhuma das duas terá qualquer hesitação em lhe responder. Hesitarão, sim, à procura das palavras, intimidadas frente à necessidade de explicar aquilo que consideram ser o sublime. Mas no seu íntimo, ambas estão bem certas de que sabem do que se trata.

Referem-se, ou tentam se referir, àquele amor de que ouviram falar desde pequenas e que, desde pequenas, lhes foi ensinado como indispensável. O *amor absoluto*. Ao falarmos de amor, sem especificações, é sempre a ele que nos referimos, o grande, tão grande que às vezes reforçamos nosso sentimento chamando-o de amor com A maiúsculo. E é por ele que esperamos.

Mas existe mesmo esse amor, tão total, tão avassalador, tão completo? Ou nós o inventamos, instituindo talvez a exceção como regra?

De um lado a vida. Do outro a morte. Imprensada entre dois acontecimentos inegavelmente absolutos, decorre a vida do ser humano. E para ela, assim que começamos a formular nossos medos, foi necessário encontrar uma justificativa. Por que éramos jogados na vida, sem qualquer participação voluntária, e dela éramos retirados contra nosso desejo? A razão deveria ser forte, *tão forte quanto nascer e morrer*, pois só assim o justificaria. E a única que nos pareceu qualificada foi o amor. Era através do amor que a vida se gerava, e era gerando outras vidas que nos iludíamos de vencer a morte. O amor era portanto o único elemento que podíamos

considerar como participante direto dos dois polos fundamentais. Daí a instituímos o amor como *absoluto* deve ter sido um passo, e um passo lógico, que vinha, aparentemente, solucionar nosso mais grave problema.

Exigir que percebêssemos estar criando outro, quase tão grave quanto aquele do qual fugíamos, é pretender demais, sobretudo num processo que obviamente não foi tão linear nem tão consciente quanto aqui o traçamos.

E criado o *amor absoluto*, tivemos que viver com ele.

Em amor, o absoluto é um queijo suíço

Ele diz: Eu te amo. E o que a gente ouve não é: “Eu te amo tanto quanto posso dentro das limitações dessa relação e desse meu momento de vida, dentro das minhas próprias limitações, dos meus medos e dos meus fechamentos.” A gente ouve: “Eu te amo totalmente, para sempre, sem que nada, antes ou depois do nosso encontro, supere esse sentimento.” Ele fala de si, e nós ouvimos o cosmos. Ele fala do hoje e nós entendemos o eterno.

A culpa é nossa, então, por ouvirmos errado? Não. Ele também, ao falar dentro da sua pequena dimensão humana, está se iludindo com as grandes medidas. Ao dizer “eu te amo”, assume o papel do grande amante, torna-se o amor absoluto encarnado.

Vida e morte são biológicas. Independem da nossa participação, embora nos façam e desfaçam. Lutamos para nascer, é verdade, mas não nos é permitida a escolha do não nascer, não podemos nos negar a vir ao mundo. O mesmo acontece com a morte; por mais que a gente se negue a morrer, ou mesmo quando, no caso contrário, nos suicidamos, estamos apenas adiando ou adiantando um desfecho que aconteceria de qualquer maneira, independente da nossa vontade. Vida e morte são indissolúveis, uma não existe sem a outra, formam um todo. E um todo de absoluta unicidade: ninguém nasce ou morre mais de uma vez, pois mesmo nas teorias da reencarnação a lembrança da vida anterior é apagada, recomeçando o ciclo como se fosse pela primeira vez. Isso faz com que vida e morte sejam absolutas.

Ora, o amor talvez não seja nem biológico. Biológica na certa é a atração sexual. Mas embora ela participe do amor de forma determinante,

não é ela que o constitui, e pode, por sua vez, existir sem ser acompanhada por qualquer impulso amoroso. O amor é basicamente psicológico, sentimento gerado por nossos desejos, nossas necessidades afetivas, nossas projeções. Começa aí toda a diferença em relação à noção de absoluto.

Pois em matéria de sentimentos, essa noção acaba sendo subjetiva. O amor que é absoluto para mim pode não o ser para a pessoa ao qual é dirigido. E isso porque enquanto minha emoção amorosa me preenche por inteiro, dando-me a impressão de que não existe mais possibilidade de amor além dela, o objeto do meu amor, que por razões pessoais não se sente por ele preenchido, pode considerá-lo insuficiente e, como tal, bem aquém do absoluto. Ou mesmo, percebendo a intensidade do amor do *outro* mas não encontrando em si mesmo nenhuma correspondência a esse amor, o objeto olhará para aquele sentimento apenas com benevolência, sem que a grandiloquente noção de absoluto sequer lhe aflore à cabeça.

Não é só na tentativa de simetria com o outro que o absoluto se mostra flutuante. Dentro de nós mesmos ele se modifica. Assim, ao me apaixonar hoje por um novo objeto, tenho a súbita impressão de que essa paixão supera todas as outras que já senti. Mas não querendo rebaixá-las, diminuindo portanto a importância do meu currículo amoroso, estabeleço dentro de mim a vaga noção de que esta paixão é mais absoluta do que as outras, aniquilando dessa forma a própria noção de absoluto, que não comporta *mais* nem *menos*. Da mesma forma, ao longo de um amor intenso que pretenderia absoluto, percebo em certas ocasiões uma espécie de esgarçamento na própria intensidade do sentimento, que me obriga a considerar o absoluto amoroso como um queijo suíço, cheio de buracos.

Apesar de todas as dificuldades, o amor pode até mesmo alcançar piques de absoluto. Mas serão sempre e apenas piques, breves momentos que a própria mutabilidade do sentimento se encarrega de desfazer.

Além do mais, o amor não é inelutável. Não podemos viver sem ter nascido, nem podemos viver sem vir a morrer. Mas, apesar das nossas fantasias em contrário, podemos perfeitamente viver sem grandes amores, coisa que, aliás, acontece com a maioria das pessoas. O amor é parte da vida, mas apenas uma parte, e nem de leve tão indispensável

quanto, digamos, a alimentação. À luz da realidade mais imediata, e por mais que a ideia nos desagrade, o amor é uma necessidade menor.

Nem o amor é uma experiência única. A quase totalidade das pessoas abriga em sua vida diversos amores. E embora o tempo e o distanciamento afetivo acabem por diluir nossa capacidade de revivê-los por completo na lembrança, conservamos, senão a emoção, pelo menos o registro daquela intensidade. Assim, a lembrança dos amores passados é vencida para permitir o acontecimento de novos amores, mas não é apagada.

Apesar disso tudo, e apesar de sabermos disso tudo, continuamos querendo o amor absoluto. Mas há mais um empecilho na rota da sua conquista: a exigência da reciprocidade.

Não somos independentes para nascer porque precisamos ser gerados por um casal; porém, no ato do nascimento não necessitamos de que alguém nasça conosco. A mãe luta para nos dar à luz, mas sua situação e seus sentimentos são completamente diferentes dos nossos. São duas situações ligadas, mas não paralelas. Já no amor o que se exige é mais do que o paralelismo, é a superposição, a reciprocidade plena.

Em termos literários, um grande amor pode existir mesmo sem resposta; o amante suspira na sombra, se acaba de paixão, sem que o objeto de seus sonhos lhe dirija mais do que um olhar. Mas na vida real o que queremos, para que o amor se complete física e afetivamente, é que o outro também nos ame. E achamos que nosso amor só se transformará realmente num amor absoluto na medida em que a intensidade do amor do outro for gêmea idêntica da nossa intensidade.

O amor não é mensurável. A duras penas sabemos do nosso próprio amor, quanto mais do do outro. O que costumamos fazer para resolver o impasse é medir o amor do outro usando o nosso próprio amor como metro. Ele diz “eu te amo”. Nós respondemos “eu também te amo”. E deduzimos que as duas coisas são idênticas e que aquele amor, como a vida e a morte, representa um todo, como elas indissolúvel, e, portanto, como elas, absoluto. Está demonstrado o teorema, como se queria.

Um perigoso teorema, na verdade. Porque em cima dele, e da sua inconsistência, começamos a construir justamente aquele castelo que queríamos mais sólido e mais seguro.

E a cada tijolo fazemos um investimento maior para que cresça rumo ao alto e, como a Torre de Babel, nos leve ao céu, nos permita a eternidade, justifique a vida e esconjure a morte.

A onipotência fica, à nossa imagem e semelhança

Dito isso, com que ficamos? Renunciamos de vez ao sonho do amor absoluto e nos predispomos a amorzinhos apenas normais, a maioria deles passageiros? Já abrimos mão de tanta coisa, será que mais essa renúncia nos é exigida em nome do bom senso e da objetividade? Será que até em amor temos que cair na real?

Mas aí é que está, na real se *cai*, quase se despenca. E o amor não é um sentimento *para baixo*, é *para cima*, estratosférico, de altíssimo astral. O amor é, por sua essência, onipotente, pois foi à sua semelhança que inventamos Deus, e é através do amor que nos aproximamos Dele.

Mesmo que quiséssemos desabsolutizar o amor não conseguiríamos, pois para que ele possa subsistir, a própria razão se encolhe, emudece, deixando o campo emocional livre para o enlouquecimento do desejo pelo outro. E o emocional, sem a razão, não conhece limites.

Quando o outro deixa de nos amar, é instintiva a cobrança: “Mas você disse que me amava!”, e a fazemos em boa-fé, sem perceber que equivale a dizer “mas você disse que era divino”. Ele realmente o foi, ainda que por breve tempo. O equívoco está em querermos prolongar esse tempo de acordo com as nossas medidas, e não com as do outro, está em querermos *juntar o conceito de absoluto com o de eternidade*.

Não é dito que um amor não possa ser eterno, da eterna duração de duas vidas. Amores assim existem, embora raros. O que não convém é, passado o furacão da paixão dentro do qual toda definição abaixo do absoluto parece impossível, vestir qualquer amor com a exigência da totalidade.

Há amores de todas as medidas, como de todas as medidas são as pessoas que os vivem. Mas muitas vezes, quando afinal, com esforço de lucidez, conseguimos avaliar a medida do nosso amor, já está na hora de reconsiderar tudo novamente, pois um novo amor nos acomete, invadindo todos os espaços com sua deliciosa prepotência.

No começo, a atração

Ele estava sem mulher, em disponibilidade, procurando alguém na vida. Ela estava sem homem, em disponibilidade, procurando alguém na vida. Ambos eram razoavelmente jovens, razoavelmente bonitos, razoavelmente equilibrados, e meus amigos. Pareceu-me natural convidá-los para um jantar a fim de que se encontrassem. Mas no dia seguinte o amigo me telefonou: “Era essa a mulher de que você achava que eu ia gostar? Ora, até parece que você não me conhece, devia saber que ela não é meu tipo”.

Como eu ia saber? Ela não era tão diferente da anterior namorada do rapaz. Com a qual, aliás, ele não tinha se acertado. A mim, parecia excelente. Mas não a ele.

Ele tem um *tipo*, espécie de modelo preestabelecido do que lhe agrada. E se esse tipo entrar em um ambiente, seja qual for a situação, ele lhe perceberá imediatamente a presença, de forma perturbadora. Toda mulher que se encaixar nesse tipo terá, portanto, uma chance inicial de ser escolhida por ele.

Esse é um dos princípios da atração.

Paralelamente, porém, tenho ouvido dizer com frequência a respeito de determinadas parcerias amorosas, diferentes de tudo o que se esperava: “Não entendo o que ela viu nele”. E percebo que alguém pode sentir-se atraído por uma pessoa completamente diferente das outras que atravessaram sua vida, diferente de seus amigos, diferente de tudo o que parece constituir sua individualidade. O que atrai, nesses casos, é exatamente a diversidade.

Esse é outro princípio da atração.

E que fácil nos parece entender que o bonito procure a bonita, a rica o rico, o artista a artista. Que dois seres semelhantes se prefiram entre todos, para formar o par ideal, aquele com que todos sonham, as “almas gêmeas”. *Porque esse, afinal, é o mais óbvio dos princípios da atração.*

Mas antes de continuar, é oportuno estabelecer uma diferenciação entre dois tipos de atração: a amorosa e a atração pura e simples. Pois enquanto socialmente somos atraídos por uma série de valores coletivos (como status, dinheiro, fama etc.), a nossa escolha amorosa obedece a valores individuais, frequentemente nem sequer percebidos por nós mesmos.

A beleza põe mesa mas não garante o jantar

Beleza atrai. É inquestionável. Em torno de uma pessoa bonita os desejos esvoejam como abelhas, ainda que sejam apenas desejos de contemplação. E porque não podemos – pelo menos nem sempre – comprar pessoas bonitas, compramos pôsteres que as representam, vamos vê-las no cinema, procurá-las nos teatros. O poeta inglês Keats disse que beleza era “verdade”. A poetisa grega Safo comparou-a à bondade. O escritor Somerset Maugham considerava-a “um êxtase”. E Stendhal, que tão bem escreveu sobre o amor, chegava ao cúmulo de ver nela “uma promessa de felicidade”.

Comprovadamente, a beleza vende produtos, atrai simpatias, facilita os primeiros contatos, e é considerada ponto favorável na concessão de empregos.

Tão importante nos primeiros movimentos da atração, a beleza não desempenhará depois, no amor, papel fundamental. Outros valores, como personalidade, inteligência e potencial erótico, contam muito mais. Porém é fato que um parceiro interessantíssimo corre o risco de ser rejeitado no primeiro escrutínio apenas por sua aparência física.

Entrevistado a respeito do filme *Tootsie*, em que para conseguir um papel um ator se apresenta como mulher, com o nome de Dorothy Michaels, Dustin Hoffman disse do seu trabalho: “Quando tentei incorporar a personagem de Dorothy, tive dificuldade em fazê-lo como teria

desejado, e de repente me ocorreu que se eu tivesse encontrado Dorothy numa festa, jamais teria me interessado por ela, pois fisicamente era insignificante. Certamente é uma atitude frívola julgar as pessoas pelo que aparentam, e acho que foi isso que começou a me entristecer”.

“Frívola” talvez não seja a palavra. Mas a verdade é que não sabemos por que a beleza nos atrai. Embora imantados, os bonitos nada nos prometem além daquilo que esperamos de outras pessoas. Pelo contrário. Deles temos até uma certa desconfiança, como se o dote supremo da beleza devesse ser pago com o sacrifício de dotes morais e, sobretudo, intelectuais. O tipo da “bela burra”, tão bem interpretado por Marilyn Monroe, é um clássico da nossa cultura. E eu própria presenciei inúmeras vezes o espanto de pessoas ao descobrirem que meu irmão, o ator Arduíno Colasanti, é um homem inteligente. Como se por ser, sem favor nenhum, um dos homens mais bonitos da sua geração, devesse obrigatoriamente ser burro.

Karen Dion, uma psicóloga americana especializada em estudos sobre a atração, pesquisou as reações de adultos e crianças diante de fotos de pessoas bonitas. Os adultos achavam que os bonitos eram mais sensuais, delicados, sociáveis e atirados. Esperavam que tivessem melhores casamentos e melhores empregos. Mas imaginavam que seriam piores pais.

Isso coincidia com a opinião das crianças diante de fotos de crianças bonitas. Elas achavam que as mais lindas deviam ser mais simpáticas e menos leais. Declararam sua impressão de que crianças bonitas seriam amigos decepçionantes, com os quais não se poderia contar em horas de necessidade. Ou seja, tanto os adultos quanto as crianças viam nas pessoas bonitas uma promessa de sucesso, paralela a uma certeza de egoísmo.

Na realidade, os bonitos são mais gentis, menos agressivos, mais sorridentes. Mas não são forçosamente mais egoístas. Adulados desde pequenos, sabem que basta sorrir de bom jeito para obter as coisas. Não precisam competir, porque já ganharam. Nem precisam zelosamente cuidar do que é seu, porque o mundo está sempre disposto a lhes dar o que for preciso.

O amor sabe ver belezas que os outros não veem

Se é verdade que existe uma beleza universal, que todos reconhecem unanimemente, é verdade também que existe uma beleza individual, aquilo que cada um acha mais bonito, e que não é forçosamente bonito para os outros. Tenho mesmo certeza de que quando um homem escolhe uma mulher unanimemente bonita como objeto do seu amor definitivo é porque à sua beleza pública somou-se aquela beleza que só ele vê. A beleza unânime, portanto, entraria nos dotes coletivos de que falei antes, que atraem, mas que não determinam amor. Já a beleza secreta, que se origina nos desejos de cada um, é aquela que decide a escolha amorosa.

A esse respeito, um amigo me contava recentemente que em seus devaneios de mulher ideal via sempre mulheres louras, longilíneas, de cabelos longos e rostos suaves, mulheres-doçura. Via, portanto, o ideal social desse nosso país amulatado, e a mulher mansa, passiva, com que nossa sociedade repressora nos ensina a sonhar. Entretanto, com o passar do tempo, descobriu que as mulheres pelas quais, afinal, se sentia atraído não obedeciam em absoluto a esse tipo. Eram fortes, ativas, decididas e, confessou-me, sempre de coxas bem fartas. Além disso, a cor dos cabelos, tão determinante em seus devaneios, não tinha a menor importância na vida real.

Os caminhos pelos quais esse modelo secreto de beleza se estabelece são complexos e prendem suas raízes na primeira infância. Pai e mãe, como seres inicialmente centralizadores de todo o afeto, e modelos básicos de identidade, costumam emprestar suas características para a formação do amado ideal. Não se trata de papel-carbono. O modelo pode estabelecer-se por oposição. Eu que tenho pai e irmão louros nunca namorei louros em minha vida, e se por acaso algum me parece mais interessante, percebo que há na sua pele alguma coisa que me afasta. A pele, no caso, pode atuar como lembrança da interdição do incesto. Em compensação, meu marido, filho de uma italiana de olhos claros, casou-se com esta italiana de olhos claros que aqui está, e dois de seus irmãos também casaram com descendentes de italianos, ambas de olhos claros.

Pai e mãe não são forçosamente os únicos modelos. O humorista Henfil já contou em entrevista como, por volta dos três anos de idade,

seguidamente acamado por problemas de hemofilia, olhava na parede a reprodução de um quadro em que Nossa Senhora esmagava com o pé a cabeça da serpente. “O quadro me excitava terrivelmente, aquela mulher serena, forte, pisando na cabeça do pecado. A partir disso, aconteceu uma coisa estranha comigo: a fixação pela mulher forte.” Esmagar a cabeça da serpente confundia-se, para Henfil, com esmagar a doença, e uma mulher forte seria aquela capaz de contrabalançar sua própria fraqueza física. No princípio, Henfil tomou sua simbologia ao pé da letra. Interessava-se por mulheres de força física, jogadoras de vôlei, desportistas. Só mais tarde percebeu que a força de personalidade exercia o mesmo fascínio. Mas nunca uma mulher fraca despertou o seu interesse. No caso de Henfil, também as irmãs entraram como componentes do modelo, pois vê-las sadias, enquanto ele e seu irmão viviam às voltas com a doença, reforçou a ideia do feminino todo-poderoso.

Os sinais silenciosos podem ser muitíssimo eloquentes

Olhando estabelecemos os primeiros pontos da atração. Somos eminentemente visuais. Mas na verdade *vemos muito mais do que acreditamos estar vendo*. Nossos olhos decifram um código secreto, subliminar, em que componentes essenciais da personalidade são detectados. Diz Ortega y Gasset em seu *Estudios sobre el amor*: “Os atos e as palavras não são o melhor meio de conhecer o interior secreto do outro. Mas sim os gestos e a fisionomia, significando com isso que o que mais conta não é a parte comandada racionalmente, mas aquela que atua independente da nossa vontade. O olhar, a movimentação dos lábios, são mais eloquentes que uma frase e, muitas vezes, mais sinceros”.

Diz Wilhelm Reich, contemporâneo de Freud e um dos pais da psicanálise: “A estrutura do caráter de um indivíduo é funcionalmente idêntica à sua atitude corporal”. Assim, a repressão de um sentimento, ou a inibição de atos importantes, provocaria determinadas modificações físicas, alterando as formas do corpo e sua mobilidade. Através dessas modificações poderíamos obter chaves importantes para a compreensão mais profunda dos indivíduos.

Um exemplo bem claro nos é dado pelo dr. Alexander Lowen, em seu livro *Love and orgasm*,* dedicado justamente a Reich. Conta ele de uma atriz que tinha dois problemas: não conseguia chorar nem gritar, pois sofria de uma certa rigidez no maxilar que não conseguia vencer. Após um demorado processo de análise, Lowen descobriu que a moça, criança em uma família de dez filhos, não havia sido amamentada pela mãe, e desde logo percebera a inutilidade de seu choro na disputa do afeto materno.

É claro que num primeiro encontro seria impossível a outra pessoa chegar a conclusões tão precisas. Mas é igualmente claro que a rigidez do maxilar e a contração da boca diriam de imediato a qualquer um que ali estava uma pessoa contida, retraída, de difícil abertura. E é claro também que ela exerceria uma imediata atração sobre alguém em busca dessas características, afastando aqueles que procurassem alguém solto, aberto.

A disponibilidade é outro importante fator de atração. *Atraímos quando estamos prontos para receber*. O que, evidentemente, não significa que devamos estar solteiros, fisicamente livres, mas sim que, tendo derrubado dentro de nós o amor que nos habitava, estamos prontos para abrigar nova paixão.

Essa disponibilidade interna pode perfeitamente estar desvinculada da nossa consciência. Conscientemente, ainda acreditamos amar aquele cavalheiro que até ontem nos acompanhava e ao qual ainda hoje damos o braço. Mas, livres internamente, atraímos alguém igualmente livre. E ao aceitá-lo, acreditamos ter sido ele o assassino do velho amor, acreditamos ter deixado de amar um porque subitamente nos apaixonamos pelo outro.

Além da beleza física, além das reminiscências maternas e paternas, além dos ideais e dos signos externos, a atração seria então exercida por um silencioso sinal verde. Não nos espante porém que alguém se sinta atraído por outro alguém comprometido. Como já vimos, o comprometimento pode ser externo. Ou o receptor pode ter errado ao captar o sinal. Ou o receptor pode ter captado certo, haver comprometimento, e esse comprometimento funcionar exatamente como um dos pontos de atração para ele.

* *Amor e orgasmo*.

Disso tudo, uma verdade se evidencia bem clara: *a atração se exerce à revelia das pessoas.*

Querendo atrair, nos bronzeamos na praia, compramos roupa nova, alinhavamos conversas brilhantes. Com isso não estamos *garantindo a atração*. Estamos *chamando a atenção*. E embora a atenção seja fundamental para aquilo que defini antes como atração social, a atração amorosa pode acontecer perfeitamente mesmo que sejamos os mais silenciosos da festa, pois haverá sempre alguém que se encante justamente com esse retraído silêncio.

Pode-se, portanto, melhorar a capacidade de atração social. Quanto à atração amorosa, reparando no tipo de pessoas que se interessam por nós, podemos traçar o perfil da nossa atração, descobrir quais são os nossos ímãs. Trabalho que aliás de pouco nos adiantará, porque na hora de farejarmos um eventual parceiro obedecemos aos ímãs dele, inteiramente descuidados dos nossos.